



Lutar pela paz, cumprir a Constituição de Abril! Paz sim! Guerra Não!

Os Estados Unidos, a NATO e a União Europeia aceleram as agressões militares, através de ataques não provocados. Há um fio condutor em todas estas acções criminosas. A orientação no sentido de inverter rapidamente o declive histórico em que se encontram os mandantes unipolares, que vêm em perigo o seu domínio global, posto em causa por uma crescente importância dos BRICS: daí o ataque à Palestina, à Venezuela, a Cuba, à Federação Russa, à China e, agora, ao Irão. Ataques globais e multifacetados, com sanções, tarifas, bloqueios ao acesso às fontes de combustíveis e rotas comerciais. E ataques militares a todos os que não aceitam os ultimatos de Israel e dos Estados Unidos.

O conjunto destas agressões impõe perigos crescentes para a Paz mundial. Assim sendo, torna-se cada vez mais necessário uma mobilização permanente pela Paz, o bem mais precioso para a Humanidade. Intervir a todos os níveis em defesa da Paz, é um imperativo dos tempos que correm.

Em todo o lado e em todos os momentos, gritemos pela Paz:

“Paz sim, guerra não!”

Homenagem aos tarrafalistas nas ruas de Lisboa

Este ano, a homenagem aos antifascistas assassinados no Campo de Concentração do Tarrafal saiu às ruas de Lisboa, numa manifestação que culminou junto ao Memorial que os homenageia, no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa

- Págs. 6 e 7

Primeiro encontro “25 de Abril nas Escolas”

- Pág. 4 e 5

URAP tem nova sede

- Pág. 12



Constituição da República

Aproxima-se a data de comemoração dos 50 anos da promulgação da Constituição da República, documento que consagrou os avanços civilizacionais resultantes da luta libertadora do povo português, na sequência da acção dos militares do MFA na madrugada do 25 de Abril de 1974. A sua celebração deve ser um momento de reafirmação da importância dos valores que consagra, apesar das mutilações que as continuadas revisões que a política de direita lhe impôs. A URAP estará presente nessas acções, dando o seu contributo para uma grande mobilização dos portugueses nas acções que virão a ter lugar.

Pacote Laboral

Depois da Greve Geral de 11 de Dezembro e das grandiosas manifestações no Porto e em Lisboa, que exigiram a retirada pelo Governo da sua proposta de revisão da legislação laboral, ficou bem expressa a determinação dos trabalhadores portugueses de continuarem e intensificarem a luta por melhores condições de vida, com mais salário, direitos e melhores serviços públicos, por um Portugal mais justo.

25 de Abril e 1.º de Maio

Aproximam-se as comemorações populares dos 52 anos da Revolução do 25 de Abril e as jornadas do 1.º de Maio, promovidas pela CGTP-IN, devem constituir um momento importante da celebração da libertação de Portugal do regime fascista que aprisionou, empobrecer e reprimiu Portugal durante 48 anos, mas também de afirmação da resistência dos portugueses às políticas da chamada “Reforma do Estado” do actual Governo do PSD e do CDS, para a defesa dos serviços públicos, contra as privatizações, pelo direito à habitação, para melhores condições de vida dos trabalhadores e dos pequenos e médios empresários, por aqueles que deixaram a vida activa, pela paz, contra as guerras provocadas pelo imperialismo norte-americano.

Acção e luta da URAP

A URAP continua a desenvolver uma permanente e multifacetada actividade, na edição regular do seu boletim trimestral, na edição de livros para preservação da memória do que foi a resistência ao fascismo, no trabalho junto dos jovens nas escolas e agora no processo de rápida adaptação das novas instalações das Olaias, que criarão condições para o desenvolvimento maior do nosso trabalho, assim como na participação em todas as manifestações contra as políticas do governo contra os interesses da larga maioria do povo português, pela Palestina, por Cuba, pela Venezuela, contra o criminoso ataque de Israel e dos Estados Unidos e Israel ao Irão, contra as guerras e pela Paz no Mundo, o bem maior da Humanidade.

Manuel Glória

URAP celebra 90 anos de Maria José Ribeiro

Maria José Ribeiro, a democrata, a antifascista, a ex-presa política, a dirigente da URAP, a sindicalista fundadora da CGTP-IN, a militante comunista e membro do Movimento Democrático de Mulheres (MDM) fez 90 anos no passado dia 12 de Janeiro.

Para assinalar a data, o núcleo do Porto da URAP organizou um jantar no auditório da “Beneficência Familiar” com cerca de 120 amigas e amigos, companheiros de lutas de longa data e de outras mais recentes, com direito a bolo, música, poesia e palavras de amizade e respeito.

Sónia Ferreira dedicou-lhe um poema; Ana Ribeiro cantou canções da sua preferência; o grupo Maduro Maio cantou Lopes Graça; Paulo Raimundo, secretário-geral do PCP, enviou-lhe uma mensagem; José Pedro Soares, coordenador da URAP, lembrou o seu papel de fundadora; Teresa Lopes, do



núcleo da URAP, considerou-a um exemplo de coragem, coerência e integridade; Avelino Gonçalves, companheiro nas lides sindicais que levaram à criação da CGTP-IN, fez um testemunho; Joana Teixeira falou em nome do MDM; e Carolina Teixeira, estudante de mestrado, que a entrevistou para a sua dissertação, fez uma saudação.

No final, Maria José Ribeiro, a homenageada, aludindo ao seu percurso de vida, mostrou bem aos presentes que a resistência

às adversidades e injustiças sofridas por ela e sua família durante o fascismo, bem como a certeza da bondade dos objectivos de luta forjaram a sua personalidade.

Maria José Ribeiro foi no Dia da Mulher, em 2005, homenageada pela Câmara Municipal de Matosinhos e, em 2022, recebeu da Câmara Municipal do Porto a Medalha Municipal de Mérito, Grau Ouro.

Livros “Forte de Peniche - Memória, Resistência e Luta” e “Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo” apresentados em Lagoa

Os livros “Forte de Peniche - Memória, Resistência e Luta” e “Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo” foram apresentados por César Roussado e Laurinda Bacalhau do Conselho Directivo da URAP e do Conselho Nacional, respectivamente, dia 23 de Janeiro, na Sala Polivalente da Biblioteca Municipal de Lagoa, no Algarve.

Com organização do Núcleo da URAP de Lagoa, a sessão, dirigida por Victor Carapinha, do Conselho Nacional, reuniu cerca de 20 pessoas. Os dois exemplares dos livros apresentados foram oferecidos à dirigente da biblioteca, Maria Clara de Andrade.

Coube a César Roussado falar do conteúdo do livro “Forte de Peniche - Memória, Resistência e Luta” e de recordar igualmente a luta da URAP, de ex-presos políticos, fami-

liares e amigos para a criação do Museu Nacional da Resistência e Liberdade (MNRL), inaugurado em 27 de Abril de 2024.

Laurinda Bacalhau apresentou o livro “Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo”, destacando o papel das mulheres na luta antifascista no quadro de um regime retrógrado, conservador e paternalista. Lembrou ainda que estiveram presas operárias corticeiras, agrícolas e têxteis, jovens universitárias e outras.

URAP

URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**
REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
**RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA •
TELEFONE 213 576 083**

DEPOSITO LEGAL: 357338/18



Evocação da Revolta dos operários vidreiros da Marinha Grande

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira (STIV) organizou uma jornada de luta e evocação da revolta dos operários vidreiros da Marinha Grande contra a fascização dos sindicatos, de 18 de Janeiro de 1934, para a qual convidou a URAP.

César Roussado, do Conselho Directivo, saudou na Rotunda do Vidreiro, em nome da URAP, “os heroicos e destemidos operários vidreiros que durante várias horas ocuparam a vila da Marinha Grande, vários locais do poder local e locais estratégicos”. Relatou a enorme e brutal repressão sobre os operários vidreiros e a população que o regime fascista de Salazar desencadeou contra eles. E lembrou que alguns pagaram a luta com a sua própria vida.

Muitos foram deportados para a Fortaleza de S. João Baptista, em Angra do Heroísmo, nos Açores, e para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Das centenas de prisioneiros deportados para o Tarrafal em 1936, 32 morreram, dois dos quais oriundos da Marinha Grande, disse.

O dirigente da URAP sublinhou a heroica luta dos vidreiros “foi derrotada, mas os seus ideais prosseguiram e ao longo dos anos deram também um enorme contributo para o derrube do regime fascista e a revolução do 25 de Abril de 1974”.



Entre a centena de membros da URAP presentes encontravam-se elementos de Aveiro, Coimbra, Peniche, Almada, Seixal, Marinha Grande, Algueirão Mem Martins, Rio de Mouro, Agualva Cacém, Queluz, Amadora e Lisboa. O grupo percorreu locais históricos na Marinha Grande onde os operários vidreiros resistiram e lutaram contra a GNR e outras forças vindas de Leiria.

O historiador Hermínio Nunes guiou os participantes pelos locais estratégicos da preparação e resistência armada: a casa de José Gregório; a rua de um tarrafalista que morreu no Campo de Concentração do Tarrafal; a Câmara Municipal da Marinha Grande e outros lugares da Resistência. Concentraram-se depois junto ao cemitério e a partir daí desfilaram pelas ruas da Marinha Grande até à Rotunda do Vidreiro.

Visitas ao Museu do Neo-Realismo e à Fundação José Saramago

Os núcleos da URAP de Aveiro, Porto e Braga, aproveitando a ida a Lisboa para a homenagem aos Tarrafalistas, promoveram no dia 21 de Fevereiro, uma visita ao Museu Alves Redol, também conhecido pelo Museu do Neo-realismo. Nesse importante equipamento foi possível apreciar as obras emblemáticas deste movimento artístico e cultural de meados do século XX.

Esta visita foi acompanhada por Paulo Silva, guia do museu, que transformou a presença da delegação numa experiência mais acessível, envolvente e rica.

Depois da homenagem e antes da visita, realizou-se um almoço convívio num restaurante de Vila Franca de Xira.



No mesmo dia, o núcleo de Coimbra que participou na homenagem aos tarrafalistas, visitou a Casa dos Bicos/ Fundação José Saramago, onde tomaram contacto com a vida e obra do escritor Nobel da Literatura.

A visita, guiada com competência por uma funcionária da Fundação, terminou junto à oliveira vinda da Azinhaga (terra natal do escritor) e sob a qual estão as cinzas de José Saramago.

Sessões em escolas evocam resistência e liberdade

Sob o tema “O Medo”, o núcleo da URAP da **Moita** promoveu, dia 29 de Janeiro, na Escola D. João I, da Baixa da Banheira, uma sessão para a qual convidou o coordenador da URAP, José Pedro Soares.

O assunto “o medo” foi escolhido para servir de base para um trabalho que alunos e professores irão expor, no mês de Março, no Museu Nacional Resistência e Liberdade, em Peniche.

Com a presença de duas turmas do 9.º ano e duas do 8.º ano, num total de 110 alunos e seis professores, José Pedro Soares, Irene Encarnação, do Conselho Nacional, e Adriano Encarnação, do núcleo da Moita, falaram sobre a vida das pessoas antes do 25 de Abril e as mudanças que a revolução trouxe com a implantação da democracia e da liberdade.

Os oradores referiram-se ao medo, que tinha origem nas perseguições, prisões, torturas, e angústia de quem vivia em situação de clandestinidade, evidenciando que o medo também nos obriga a ser cuidadosos e audazes.

A 10 de Março, o mesmo núcleo promoveu uma sessão sobre o poder autárquico democrático, na Escola D. João I, na Baixa da Banheira. Realizada no dia 10 de Março, a sessão contou com a presença do ex-autarca Nuno Cavaco, que explicou aos cerca de 60 alunos do 3º ciclo presentes como o 25 de Abril abriu caminho a autarquias livres e mais próximas das populações. Os estudantes foram incentivados a reflectir sobre o valor da participação cívica e o impacto da autarquia no dia a dia, desde a escola, aos transportes, ao ambiente e espaços públicos, evidenciando que a democracia se constrói todos os dias.

Nos dias 26 e 27 de Fevereiro e 4 de Março, a URAP realizou três sessões na

Escola Secundária do Lumiar, em **Lisboa**. Participaram o membro do Conselho Nacional da URAP e ex-presos políticos, Eugénio Ruivo, e Luís Rosa, ambos ex-dirigentes do Movimento Associativo dos Estudantes do Ensino Secundário de Lisboa (MAEESL). As sessões, no âmbito das disciplinas de História e Cidadania e Desenvolvimento, destinaram-se a alunos do 9.º ano, e tiveram como principais objectivos aprofundar o conhecimento sobre o período do regime fascista, promover a reflexão sobre a importância da liberdade, dos direitos humanos e da democracia, bem como desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de análise histórica através do contacto com testemunhos reais.

Os oradores partilharam as suas experiências pessoais, descrevendo o contexto histórico da época, as condições de vida e a repressão política vivida pelos opositores do regime. A actividade incluiu momentos de apresentação e testemunho, com destaque para as prisões e torturas a que Eugénio Ruivo, o seu pai e irmão foram submetidos pela polícia política PIDE/DGS, durante os anos 70 do séc. XX, seguido de perguntas e respostas com os alunos. Os alunos demonstraram grande interesse e envolvimento, manifestando o desejo de voltar a participar em iniciativas semelhantes no futuro.

O núcleo de **Mafra** da URAP esteve presente, dia 20 de Fevereiro, na Escola Secundária José Saramago (ESJS) para falar com alunos do 1.º ano do Curso Profissional de Informática - correspondente ao 10.º ano - sobre o período da ditadura fascista que antecedeu o 25 de Abril de 1974. Intervieram na sessão o antigo preso político Eugénio Ruivo, membro do Conselho Nacional da URAP, José António, proprietário da antiga Livraria 77, em Mafra, e Mário Borges, sobrinho de um ex-presos políticos. Os três oradores partilharam as suas experiências e vivências durante o período da ditadura fascista.



Baixa da Banheira



Lisboa



Mafra

Esta actividade teve como principal objectivo promover a educação para a cidadania, dando a conhecer aos alunos as condições sociais, económicas e políticas vividas em Portugal durante o fascismo. A turma mostrou-se muito atenta, interessada e participativa.

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, participou em conversas online com estudantes do 12.º ano de escolas de **Algés** (Oeiras), **Lagos** e **Braga**, que estão a preparar trabalhos escolares sobre como se vivia em ditadura e sob o regime fascista. Participaram dezenas de alunos e professores.

José Pedro Soares participou também numa sessão com dezenas de estudantes na biblioteca da Escola Secundária Reinaldo Santos, em **Vila Franca de Xira**, e numa outra na Escola Secundária Luís de Camões, em **Lisboa**, que contou com a participação de dezenas de estudantes e professores, entre os quais o director da escola.



Um painel de azulejos, da autoria da artista plástica Graça Morais, que presta homenagem aos milhares de presos políticos da prisão de Caxias, vai ser colocado num jardim junto ao Forte, num tributo do Município de Oeiras à resistência e à luta pela liberdade durante o fascismo.

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, e uma delegação da URAP estiveram presentes na apresentação pública dos originais em papel, dia 29 de Janeiro, no Palácio Anjos, em Algés, que contou com a comparecência do presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Isaltino Morais, e membros do executivo municipal.

A reprodução do painel, que pode ser visitada no Palácio Anjos, encontra-se em execução na fábrica de azulejo Viúva Lamego, terá 6 por 20 metros e a sua instalação será em data a anunciar.

I Encontro da URAP “25 de Abril nas Escolas”

O I Encontro da URAP “25 de Abril nas Escolas”, decorreu dia 7 de Março, na Casa do Alentejo, em Lisboa, com a presença de cerca de 80 pessoas, nomeadamente oradores em sessões, professores, estudantes, responsáveis de núcleos e membros dos órgãos sociais.

Este encontro, no qual participaram 30 oradores, realizou-se no âmbito do reforço da intervenção da URAP junto da juventude e dos estudantes, no quadro da celebração do 50.º aniversário da organização, num ano em que a Constituição da República Portuguesa, elaborada após a Revolução de Abril, comemora também meio século e se destaca o seu conteúdo progressista e democrático.

Foram convidados para o encontro representantes da CGTP-IN, FENPROF, SPGL, Frente Anti-Racista, MURPI, Associação Nacional de Sargentos, JCP, CNOD, PEV, Casa do Alentejo e as Associações de Estudantes das escolas Sebastião e Silva e Anselmo de Andrade.

No encontro foi aprovada uma moção em defesa da paz que, salientando os “tempos muito complexos e perigosos a nível internacional, num contexto de contínuo agravamento do clima de guerra, na Europa, como a que prossegue na Ucrânia ainda sem fim à vista, mas também em numerosos conflitos noutras partes do globo”, realça que os EUA com os seus aliados



da NATO e da União Europeia “têm vindo a agravar as ameaças, a ingerência e a agressão contra países e povos, em total desrespeito pelo direito internacional e por tratados internacionais”. Apela ao desenvolvimento e reforço da luta pela paz.

Exposição em Oeiras valoriza resistentes



Vários antigos presos políticos têm o seu testemunho na exposição “Resistência e Liberdade – Tantas histórias para contar”, que está patente no Palácio do Egito, em Oeiras, até 25 de Abril de 2026. Inaugurada em Setembro do ano passado, por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, curadoria da Memória Imaterial CRL e com a participação da URAP da recolha dos testemunhos, a mostra insere-se no projecto “Mural de Homenagem aos Presos Políticos de Caxias. A exposição conta a história de 50 pessoas que passaram pela prisão de Caxias e foram protagonistas de uma luta corajosa que abriu caminho ao 25 de Abril. A narrativa foi construída em conjunto com os resistentes e a exposição cruza combina vídeo, artes visuais e cenografia.

Filme “A Voz das Camaradas” exibido na Casa do Alentejo, em Lisboa



No âmbito das comemorações do 50.º aniversário da URAP, a Casa do Alentejo acolheu, dia 24 de Janeiro, a exibição do filme documental “A Voz das Camaradas”, do realizador João Lopes.

Com a presença de cerca de 100 pessoas, o filme foi apresentado pela professora da Universidade Nova de Lisboa Isabel Araújo Branco. Aborda a luta das mulheres e a sua importância durante a ditadura fascista, baseando-se no testemunho de duas mulheres, Mariana Rafael e Faustina Barradas.

Mariana Rafael e Faustina Barradas, funcionárias clandestinas do PCP tinham entre outras tarefas a manutenção das tipografias nas quais era publicado o jornal “Avante!”, bem como o boletim interno para as mulheres clandestinas “A voz das camaradas das casas do partido”, entre outras publicações.

Para que a memória não se apague!

Evocação e homenagem aos tarrafalistas do campo de

Uma grande faixa, na qual se lia “Tarrafal nunca mais”, abriu, dia 21 de Fevereiro, o grande desfile, com largas centenas de pessoas, desde a Praça Paiva Couceiro até ao memorial dos tarrafalistas no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa, onde decorreu a cerimónia anual de evocação e homenagem aos presos políticos que morreram no campo de concentração, em Cabo Verde.

Ana Páscoa, do Conselho Directivo da URAP, foi a oradora da cerimónia, apresentada por Inês Fonseca, do Conselho Nacional, que reuniu cerca de 500 pessoas oriundas de vários núcleos da URAP do país, junto ao mausoléu onde se lê “Aos que na longa noite do fascismo foram portadores da chama da liberdade e pela liberdade morreram no Campo do Tarrafal”.

Depois da oradora afirmar que a cerimónia era, simultaneamente, de homenagem aos presos no Tarrafal e a todos os que lutaram contra o fascismo, e “uma jornada de afirmação e testemunho de que a resistência e a luta continuam”, lembrou que este ano se assinalam os 90 anos da abertura do Campo de Concentração do Tarrafal.

“O objectivo do fascismo ao enviar para o Tarrafal os resistentes antifascistas, comunistas, anarco-sindicalistas e democratas era condená-los a uma morte lenta, quer pelas terríveis condições do campo, o isolamento, o clima propício ao aparecimento de doenças, para as quais não havia qualquer tipo de assistência”, disse.

“Inaugurado em 1936 para lá foram enviados 362 presos, (...) destes 32 morreram no campo, tendo sido trasladados para Portugal em 18 de Fevereiro de 1978, cuja memória aqui evocamos”, lembrou.

“O Tarrafal foi oficialmente encerrado em 1954, um ano depois do último preso, Francisco Miguel, ter sido transferido para Caxias, mas reabriu em 1961 com patriotas africanos anticolonialistas de Angola, Guiné e Cabo Verde. O campo foi encerrado a 1 de Maio de 1974, pelos militares do Movimento das Forças Armadas, que libertaram esses patriotas, na sequência da Revolução de Abril, que derrubou o fascismo e abriu portas para a democracia no nosso país”, afirmou Ana Páscoa.



“Neste ano de 2026 assinalamos os 100 anos do início do fascismo em Portugal; em 28 de Maio de 1926 um golpe militar conduziu à instauração do fascismo, que durante 48 anos oprimiu, prendeu, torturou e assassinou muitos dos que tiveram a coragem de correr o risco de se oporem à ditadura. A esses antifascistas também hoje e aqui é justo prestarmos a nossa reconhecida homenagem, pelo seu exemplo e contributo para a conquista da liberdade de que hoje disfrutamos”, acrescentou.

Após recordar que “o regime fascista para além de ter sido uma ditadura criminosa ao serviço dos monopólios e dos grandes agrários, (...) também impediu o desenvolvimento económico, social e cultural” que levou a que “largos milhares de trabalhadores fossem obrigados a emigrar”, Ana Páscoa citou um poema de Manuel Alegre sobre este tema: “Vi minha pátria derramada/ na gare de Austerlitz. Eram cestos/ e cestos pelo chão. Pedacos/ do meu país./ Restos./ Braços./ Minha pátria sem nada/sem nada/despejada nas ruas de Paris”.

Tarrafalistas nos 90 anos de abertura concentração



Para a oradora, o 25 de Abril de 1974, com o fim da ditadura e das guerras coloniais, as eleições livres, a nova Constituição de 1976, abriu caminho à democratização do país, neste momento em causa com “os tempos conturbados que vivemos a nível nacional e mundial”.

“Assistimos ao ascenso das forças de extrema-direita e fascistas que, aproveitando sentimentos de insegurança e da falta de resposta aos problemas que afligem os povos, lançam ataques de ódio e intolerância, ideias racistas que têm algum eco junto dos mais desfavorecidos”, garantiu.



“Em Portugal assistimos a uma escalada das forças reaccionárias, que tentam subverter o regime democrático; é fundamental a nossa coragem e determinação para combater e derrotar definitivamente essas forças, e devolver ao povo português o horizonte de esperança que Abril abriu”, adicionou.

Após recordar que “a União de Resistentes Antifascistas Portugueses, ao longo dos seus 50 anos de existência, tem desenvolvido intensa actividade de denúncia e combate contra as forças da opressão e pela defesa dos ideais de Abril, pela Paz e solidariedade entre os povos”,

sublinhou que “hoje um outro combate também se impõe: o combate contra aqueles que querem reescrever a História, e branquear o passado, manipulando através dos órgãos de comunicação e redes sociais a opinião pública, com especial incidência nos jovens, tentando apagar o que foi a resistência e a luta contra o terror fascista”.

A cerimónia terminou com uma actuação do coro Lopes-Graça, dirigido pelo maestro Alexandre Weffort, que tocou Elegia, em Homenagem a António Borges Coelho, uma composição em flauta preparada tocada em público apenas no velório do historiador antifascista, falecido em Outubro de 2025.

Numa pequena intervenção, o maestro manifestou a necessidade da luta pela paz e contra o fascismo, luta na qual a arte se insere.

O coro cantou várias das Canções Heróicas, como Acordai, Firmeza e Jornada, com letra dos poetas José Gomes Ferreira e João José Cochofel, terminando com Grândola, Vila Morena, de José Afonso.

URAP organiza viagem a Cabo Verde, com visita ao antigo Campo de Concentração do Tarrafal

Nos 90 anos da abertura do Campo de Concentração do Tarrafal e nos 50 da fundação da URAP realiza-se entre 24 e 31 de Outubro uma viagem de resistência e lazer a Cabo Verde e ao Tarrafal. Será uma importante jornada de homenagem e evocação a todos os tarrafalistas, portugueses ou membros dos movimentos de libertação das então colónias portuguesas.

Do programa constam visitas ao Forte de Filipe, à Cidade Velha na cidade da Praia, à Biblioteca Nacional, ao monumento a Amílcar Cabral e à Fundação Pedro Pires. Para além destas e outras visitas, o ponto alto da jornada será a visita ao Campo de Concentração do Tarrafal e as iniciativas evocativas dos 90 anos da abertura do Campo. Haverá também a oportunidade de visitar a deslumbrante Ilha do Fogo. A viagem tem o apoio logístico da Associação Rotas Vermelhas .



Livro em preparação

Está também a ser preparado um livro sobre o “Campo da Morte Lenta” do Tarrafal, que evocará todos os portugueses, guineenses, angolanos e são tomenses - designadamente os tarrafalistas - assassinados pelo fascismo.

Faleceu Vítor Dias, membro do Conselho Nacional da URAP

Vítor Dias, militante antifascista desde os finais dos anos 60, membro do Conselho Nacional da URAP e militante do PCP, morreu quarta-feira, 25 de Fevereiro. Ao seu funeral, realizado na Amadora, compareceram centenas de pessoas.

Nascido em Vila Franca de Xira, a 13 de Setembro de 1945, Vítor Dias foi dirigente da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa, entre 1966/1967, integrou desde 1969 diversas estruturas da CDE de Lisboa, tendo sido candidato às eleições legislativas desse ano, e participado em 1973 no III Congresso de Aveiro. Foi dirigente do MDP/CDE até 1976.

Em 1973, aderiu ao PCP, passando em 1976 a funcionário do Partido, de cujo Comité Central e Comissão Política foi membro até 2004. Foi responsável pelo trabalho de Informação e Propaganda Central, porta-voz do partido, autor de textos na imprensa do partido e participante em vários actos eleitorais. Foi ainda membro da Assembleia Municipal de Vila Franca de Xira no primeiro mandato autárquico de 1976/1979.

Em 25 de Abril de 1974, Vítor Dias estava preso pela PIDE desde 6 de Abril de 1974, pouco tempo antes da Revolução, tendo sido libertado com os outros presos políticos de Caxias em 27 de Abril.



Na URAP, apoiou o trabalho editorial e participou em sessões de esclarecimento sobre o regime fascista e o pós-25 de Abril em escolas e noutras instituições.

Vítor Dias manteve a colaboração, como colunista, em vários jornais e foi o autor, até Agosto de 2025, do blogue “O Tempo das Cerejas”.

A URAP manifestou o seu profundo pesar pela morte de Vítor Dias e apresentou à sua companheira, Noélia Oliveira, e restante família os seus sentimentos.

URAP na luta pela paz e direitos sociais e laborais

A URAP participou activamente na manifestação contra o pacote laboral, promovidas pela CGTP-IN no dia 28 de Fevereiro, na Manifestação Nacional de Mulheres de 8 de Março, convocada pelo MDM, e a 14 de Março na manifestação pela paz, a soberania e a solidariedade, contra as ameaças e agressões dos EUA, a cujo apelo se associaram 90 organizações, entre as quais a URAP.

O direito ao trabalho com direitos, a igualdade na lei e na vida, a paz e a cooperação são valores e conquistas de Abril, plasmadas na Constituição da República, pelas quais a URAP combateu e combate nos exigentes tempos em que vivemos.



Manifestação Nacional de Mulheres (Lisboa)



“Paz, soberania e solidariedade. Fim às ameaças e agressões dos EUA!” (Porto)



Manifestação da CGTP-IN contra o pacote laboral (Lisboa)

Nesta rubrica, damos voz aos núcleos, que em vários pontos do País desenvolvem uma intensa actividade e divulgam os valores, princípios e causas da URAP. O objectivo é partilhar experiências para reforçar a capacidade de acção da URAP

Queluz

O núcleo de Queluz, no concelho de Sintra, conta com 25 sócios e, a partir de 2025, passou a ser coordenado por um dos seus membros, o que permitiu uma maior regularidade de reuniões, nas quais participam muitos dos seus sócios.

Com os sócios que têm mais dificuldade de se deslocar às reuniões tem havido contacto de modo a permitir a recolha da quotização e a transmissão da informação das actividades da URAP.

Esta actividade regular, de uma reunião mensal, tem permitido ao núcleo responder com elevada participação nas principais iniciativas da URAP, como sejam as idas a Peniche e à Marinha Grande, a homenagem aos Tarrafalistas, o Encontro da Paz, a Assembleia Geral e as manifestações apoiadas pela URAP.



A apresentação dos livros editados pela URAP e a sua venda tem constituído outra actividade do núcleo. Estas apresentações têm decorrido nas associações de reformados da cidade de Queluz.

Para este ano o núcleo tem como objectivos aumentar o número de sócios, continuar a divulgação das actividades da URAP, proceder à apresentação de novos livros, participar activamente nas iniciativas da URAP e conseguir chegar a todos os sócios da cidade de Queluz inscritos na URAP.

Silves

O núcleo da URAP do concelho de Silves é relativamente recente.

Sendo um concelho de grandes lutas de resistência antifascista e dezenas e dezenas de presos políticos, paradoxalmente a URAP não estava organizada.

Assim, nos últimos 3,4 anos deram se passos positivos em coordenação com os associados de Lagoa, Portimão e sobretudo com o núcleo da URAP de Albufeira.

Actualmente, o núcleo tem 11 associados, o que para o concelho de Silves é muito insuficiente.

Este ano, o núcleo tem como objectivo duplicar o número de associados, isto é 22 e alargar-se à importante freguesia de S.Bartolomeu de Messines e sobretudo inscrever mulheres e jovens.

Mesmo sofrendo ainda de fragilidade organizativa, o núcleo com o apoio do trabalho central desenvolvido na Torre do Tombo e com a participação da Câmara Municipal de Silves inauguraram em 2024 na Ponte sobre o rio Arade o monumento de homenagem aos presos políticos do concelho.



O núcleo tem promovido sessões de apresentação de livros da URAP, com bastante participação, contando com a presença do coordenador da URAP, e participa activamente nas acções de lutas sociais e políticas e nas comemorações populares do 25 de Abril. Também nas escolas do concelho têm sido promovidas sessões com estudantes e professores, contando com a participação de resistentes antifascistas e ex-presos políticos.

Há que promover novas iniciativas num concelho tão rico em acontecimentos históricos, designadamente na revolta dos operários corticeiros contra a fascização dos sindicatos, em 18 de Janeiro de 1934.

É tarefa do núcleo começar a reunir regularmente e elaborar um plano de actividades no quadro dos 50 anos da URAP.

O cineclubismo no regime fascista de Salazar e a sua importância no contexto político actual

Enquadrar a actividade cineclubista na luta pelo direito à cultura no regime fascista e ditatorial de Oliveira Salazar, em que qualquer laivo semelhante a cultura era ferozmente reprimido, define por si uma das vertentes culturais de combate à negatividade e ao atrofamento cultural no antigo regime.

A cinematografia como veículo de formação intelectual, tendo por base a arte, a expressão, a pesquisa, a interrogação, o confronto entre realidades político-culturais foi paradoxalmente apoiado ou reprimido pelo regime fascista conforme as conveniências.

Como propaganda do regime, funcionou nas vertentes da apologia do “Estado Novo” com os famigerados documentários enaltecendo o nazi-fascismo hitleriano em analogia com os desfiles de legionários, da mocidade portuguesa, das “obras do doutor Salazar” e, posteriormente, na defesa das colónias do Ultramar português e dos contingentes de tropas louvados no “Dia da Raça”, em apresentações comentadas e exaltadas, antecedendo a projecção dos filmes em exibição nas salas de cinema.

Outra vertente apoiada e financiada pelo regime, através do Secretariado Nacional de Informação, era destinada ao entretenimento e alienação de massas, com filmes de baixa qualidade (qualquer analogia com as telenovelas actuais é pura coincidência), em que a triste sorte, o fatalismo, a submissão, o oxalá, retratavam o quotidiano de um povo que se pretendia de “cabeça baixa”.

Era a cinematografia revisteira, com base no quotidiano dos bairros lisboetas, na virilidade dos homens do Ribatejo ou ainda no fatalismo e resignação.

Salvo raríssimas excepções, “furando as malhas da censura”, a cora-



gem de alguns realizadores independentes transportava para a tela arte e qualidade cinematográfica.

O novo cinema português abria-se ao neo-realismo. Fernando Lopes realizou, em 1964, o filme/documentário Belarmino, “uma espinha atravessada na garganta do fascismo”. Belarmino Fragoso foi a ascensão e queda da valorização do homem numa sociedade reprimida e subjugada aos ditames da contracultura do “Estado Novo”.

Manuel Guimarães, cineasta neo-realista, precursor dos novos métodos e princípios ideológicos do novo cinema português, em contracorrente da cinematografia “bacoca” da ditadura salazarista, reporta no filme Saltimbancos a tristeza, a alegria, a dureza da vida, transportadas com mestria “nua e crua” para a sétima arte, ao reverso das luzes da ribalta, do estrelato, transformando em realismo quotidiano a arte e a magia de levar para a tela histórias de lutas e de vidas.

A corrente neo-realista introduzida no novo cinema português, abraçada nos meios progressistas e antifascistas, rapidamente se expandiu na forma expressiva da arte e da cultura durante a resistência.

A ditadura fascista de Salazar, apelidada de “Estado Novo” - apoiada pelo franquismo, nazismo e forças retrógradas das elites de banqueiros, agrários e monopólios do cimento e do aço coadjuvados por sectores católicos conservadores da Igreja -, votou o povo português ao mais terrível obs-

curantismo cultural, em que o cinema existia exclusivamente para a apologia do regime e propaganda da guerra.

Os cineclubes no fascismo

Os cineclubes, em Portugal, surgem assim como “um grãozinho a emperrar a engrenagem” fascista, furando a censura, esse terrível lápis azul do estrangulamento das liberdades culturais, políticas e sociais. É neste contexto que os cineclubes se expandem pelo País, semiclandestinos, com predominância nas áreas operárias e urbanas, com direcções democráticas e progressistas, em torno de um grande movimento cineclubista.

A partir de 1948, o cineclubismo desenvolve-se, ganhando importância junto das populações pelo desenvolvimento das suas actividades e qualidade. É inegável a correlação de interesses dos movimentos progressistas e antifascistas na potencialidade dos meios cinéfilos, no combate ao analfabetismo e ao obscurantismo, na promoção do livre pensamento. O cineclubismo influenciou ideologicamente a formação de massas, através de amplas sessões, que marcaram uma das vertentes da cultura no regime fascista da ditadura.

Em 1945, foi criado o Clube de Cinematografia, mais tarde Cine Clube do Porto, que constitui a primeira manifestação nacional do movimento cineclubista. Referenciar o envolvi-

mento do movimento cineclubista no contexto da luta contra ditadura fascista, com a consequente repressão e prisões dos seus dirigentes, num país onde tudo era proibido e se resistia e lutava por valores da dignidade humana.

Os cineclubes, como integrantes do movimento associativo, têm na sua génese valores de solidariedade, forjados no intercâmbio cultural que o fascismo não conseguiu destruir e que se consubstanciam nos valores ideológicos da igualdade e democracia.

O Partido Comunista Português, através dos seus militantes, assim como outros antifascistas e democratas, valorizaram por todo o País a importância do cinema de qualidade na formação cultural e ideológica das populações. Foram muitos os cineclubistas presos e torturados às mãos da PIDE, a polícia política do regime fascista.

Segundo o Guia Documental do Cineclube do Barreiro, “o cinema que circula no nosso País, produzido na Europa ou nos Estados Unidos, padronizado pelo figurino ‘made in Hollywood’, carece em grande medida de valor estético, banaliza a violência, a dignidade nas relações humanas, promove o misticismo obscurantista, é vazio de verdade e de beleza”.

Revolução e cineclubismo

Com a Revolução de Abril abrem-se portas à expressão cinematográfica livre da odiosa censura e do fascismo, à luta de operários e camponeses, à convivência com a liberdade e a democracia, à criação de cooperativas e de comissões de moradores. A Revolução e os cravos de Abril são historicamente transportados para a tela através da arte de cineastas livres e progressistas.

Jovens realizadores e actores, animados pelo espírito de Abril, dão vida ao novo cinema português. O filme documental, de curta ou longa metragem, ocupa um espaço histórico

na divulgação de testemunhos do que foram os 48 anos de ditadura fascista e os horrores de prisões e mortes, perpetuando o período mais negro da nossa História, para que a memória não se apague.

O movimento cineclubista, na prossecução dos princípios fundamentais de divulgar e mostrar a arte cinematográfica enquanto portadora da transmissão de valores culturais e sociais, em simbiose com a Revolução de Abril e os seus ideais, elevou a arte e expressão cinematográfica para uma realidade consentânea com o movimento popular.

Portugal viveu a Revolução de Abril com a alegria da libertação do jugo fascista. De norte a sul, o povo rejubilou, o foco livre das câmaras levou ao mundo a imagem viva de um povo soberano e feliz. A importância da imagem documental ocupou, no contexto da revolução de Abril, um espaço aberto e importante na iniciativa autónoma e independente de realizadores, actores e todos quantos se identificavam com esta nova realidade.

Desenvolveram-se e dinamizaram-se festivais de curtas e longas metragens, os cineclubes assumem a dinâmica do novo cinema português. A cultura cinematográfica ganha expansão, está aberta à crítica e ao debate, descobrem-se novos caminhos.

Chegam até nós grandes obras cinematográficas de realizadores até então proibidos no regime fascista. A corrente neo-realista italiana, com evidência para os realizadores Rossellini, Vittorio De Sica, Visconti, entre outros, ou ainda as grandes obras de Fellini ou Pasolini, define a visão diferente de interpretar o lado positivo da influência político-cultural, representada progressivamente nos ecrãs pela abordagem social, na qual a fome, as contradições sociais, o renascer do pós-guerra, a procura de uma sociedade mais justa e fraterna predominam numa mensagem profunda e directa às novas gerações.

Ultrapassado o estratagema usado antes da Revolução de Abril de se recorrer a embaixadas solicitando

filmes e documentários (mostrando o mundo lá fora) com exposições em cineclubes, associações, colectividades ou em circuitos fechados, com posteriores análises e debates, cresce uma vertente impulsionadora para o surgimento de novos realizadores, numa dinâmica fortemente influenciada pelo movimento de oposição democrática, por sectores progressistas da igreja católica, por jovens comunistas, pelo movimento cineclubista e associativo.

Presente e futuro

Actualmente, a realidade da cinematografia em Portugal está em relação directa com o exíguo apoio governamental. Prolifera a imagem documental encomendada, ao arrepio da cultura e da arte, o estafado “método Goebbels” continua a produzir os efeitos negativos numa sociedade intoxicada por contra-valores culturais, salvo raríssimas excepções.

O acervo cinematográfico português reúne belíssimas obras de bons realizadores reconhecidos internacionalmente, disponíveis para serem exibidos “numa golfada” de cultura tão necessária no contexto cultural actual. Para as forças retrógradas que pretendem uma sociedade neoliberalista, na qual o único valor “cultural” é o lucro e a exploração “até à medula” dos meios produtivos, a cultura, em todas as suas vertentes, literária ou artística, é um forte obstáculo aos seus desígnios.

O movimento associativo, como pólo aglutinador da cultura popular em luta constante contra o estrangulamento e tentativa de silenciamento (por meios mais sofisticados), é o guardião da memória e da luta. Ao manter e dinamizar acções culturais, como mostras de cinema, ciclos de cinema, palestras, colóquios, abre-se ao enriquecimento, e CULTURA É RESISTÊNCIA.

Adriano Encarnação
Activista do movimento associativo

URAP tem nova sede nacional em Lisboa...

A URAP celebra 50 anos e vai ter uma nova sede em Lisboa, situada em local de fácil acesso, com gabinetes de trabalho administrativo e reuniões e uma sala maior, com capacidade para reunir o Conselho Nacional ou para pequenas exposições e outras actividades.

A sede está situada na Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira, n.º 1, s/loja, nas Olaias - Metro das Olaias, linha vermelha. A inauguração está marcada para as 17h00 de quinta-feira, 30 de Abril.

O Conselho Directivo da URAP agradece as muitas contribuições recebidas nos últimos anos de associados e amigos, donativos que cremos continuarão, para poder transformar o espaço num local acolhedor e funcional.



... e faz 50 anos!



No âmbito das comemorações dos 50 anos da URAP serão realizadas diversas iniciativas de debate e convívio sobre a luta passada, contra o fascismo e pela liberdade, e sobre aquela que há que continuar a travar hoje para que a liberdade, a democracia e os direitos sejam realidades quotidianas.

Assembleia Geral a 21 de Março

A 21 de Março, já após o fecho desta edição do boletim, realizou-se na Casa do Alentejo, em Lisboa, a Assembleia Geral da URAP. Da ordem de trabalhos constavam a apreciação e votação do relatório de actividades referente ao ano de 2025 e do plano de actividades para 2026. Na próxima edição daremos informação detalhada sobre esta assembleia.

A Revolução de Abril faz 52 anos. Vamos todos comemorar!



Aproxima-se o aniversário da Revolução de Abril, que pôs fim a 48 anos de ditadura, repressão e obscurantismo fascistas.

Mais do que uma data, o 25 de Abril assinala o início de um processo revolucionário protagonizado pelo povo e pelos militares progressistas que realizou grandes

transformações e conquistas democráticas em Portugal, consagradas na Constituição da República Portuguesa, aprovada há 50 anos.

Este ano, esta evocação ocorre num momento de crise nacional e internacional, que põe em causa a paz no mundo e agrava desigualdades.

A URAP apela a todos os democratas que organizem manifestações, convívios ou outras formas de evocar os anos de liberdade, paz, democracia, solidariedade e justiça social. Vamos todos defender e comemorar Abril!



WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses
www.instagram.com/urap_resistentes.antifascistas

